



CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE

JEFERSON LUIS DA SILVA

**LUDWIG WITTEGENSTEIN E A REVIRAVOLTA
LINGUÍSTICO-PRAGMÁTICA: FILOSOFIA COMO ANÁLISE DA
LINGUAGEM**

CANOAS, 2010

JEFERSON LUIS DA SILVA

**LUDWIG WITTGENSTEIN E A REVIRAVOLTA
LINGUÍSTICO-PRAGMÁTICA: FILOSOFIA COMO ANÁLISE DA
LINGUAGEM**

Trabalho de conclusão apresentado à banca examinadora do Curso de Filosofia do Unilasalle – Centro Universitário La Salle, como exigência parcial para à obtenção do grau de Licenciado em Filosofia, sob orientação do Prof. Me Gilmar Zampieri.

CANOAS, 2010

JEFERSON LUIS DA SILVA

**LUDWIG WITTGENSTEIN E A REVIRAVOLTA
LINGUÍSTICO-PRAGMÁTICA: FILOSOFIA COMO ANÁLISE DA
LINGUAGEM**

Trabalho de conclusão aprovado como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciado em Filosofia do Centro
Universitário La Salle – Unilasalle.

Aprovado pela banca examinadora em Dezembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me Gilmar Zampieri
Centro Universitário La Salle Unilasalle

Prof. Me César Fernando Meurer
Centro Universitário La Salle Unilasalle

Canoas, Dezembro de 2010

RESUMO

Ludwig Wittgenstein em um primeiro momento pensa a significação assumindo uma postura baseada em valores tradicionais e posteriormente rompe com a tradição promovendo uma reviravolta lingüístico-pragmática ao tratar o problema da significação como questão pertinente á linguagem na práxis social.

Palavras-chave: linguagem, Tractatus, Investigações Filosóficas, lógica, práxis social.

ABSTRACT

Ludwig Wittgenstein at first think significance assuming an attitude based on values traditional and subsequently breaks with tradition promoting a turn-pragmatic language when dealing with the problem of meaning as a practical matter relevant to language in social praxis.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	06
2	O PRIMEIRO WITTGENSTEIN: TRACTATUS, ESTRUTURA E INTERPRETAÇÕES.....	08
2.1	Algumas influências em Wittgenstein.....	09
2.2	O Tractatus e sua estrutura.....	10
2.3	A linguagem fenomenológica presente no Tractatus.....	13
2.4	A filosofia como crítica da linguagem.....	14
2.5	O indizível e o sentido, mostrar e dizer.....	14
2.6	O fundamento metafísico.....	17
2.7	Principais críticas de Crayling ao Tractatus.....	18
2.8	Do Tractatus para as Investigações Filosóficas.....	19
3	O SEGUNDO WITTGENSTEIN: CRÍTICA AO TRACTATUS.....	22
3.1	A Concepção de Linguagem.....	23
3.2	A linguagem como jogo.....	25
3.3	Formas de vida.....	27
3.4	Gramática, regra para jogos de linguagens.....	28
3.5	A impossibilidade de uma linguagem privada.....	30
3.6	O Método das Investigações Filosóficas.....	32
4	COM WITTGENSTEIN E CONTRA WITTGENSTEIN.....	36
4.1	O relativismo das Investigações Filosóficas.....	39
4.2	O ceticismo em Wittgenstein.....	40
4.3	Wittgenstein e seu estilo filosófico.....	42
4.4	Wittgenstein e a reviravolta lingüístico-pragmática.....	43
5	CONCLUSÃO.....	45
	REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

Na trajetória do curso de filosofia uma das intrigantes questões que vivencie foi proporcionada pelo contato com as doutrinas de base metafísica, em especial, o fato de a metafísica abdicar do verificável.

Sendo eu um desenvolvedor de softwares computacionais, tenho minha perspectiva de mundo assentada nos pressupostos tecnológicos como o darwinismo, o fenômeno da realidade virtual e a física. Nestas perspectivas torna-se implausível a possibilidade de algo não material e o termo “existir” é entendido como um sinalizador que aponta sempre para uma origem física.

Outra questão que também parece implausível na perspectiva tecnológica é a idéia de uma proposta não sistemática ser entendida como eficiente ou inteligível.

Estas duas convicções aparecem em diversas doutrinas filosóficas, em alguns casos juntas em outros separadas, não pude ignorar sua existência e senti a necessidade de verificar se tais convicções poderiam ser integradas ainda que parcialmente, em meus critérios de realidade, ou seja, como entender a proposta metafísica e anti-sistêmica sem adotar uma postura de negação ou suspensão do juízo.

Entendendo a confecção deste trabalho como uma manifestação pessoal pertinente ao processo de conclusão de curso, pareceu-me aceitável a idéia de aproveitar a oportunidade que aqui se apresenta para buscar uma compreensão destas doutrinas sem abdicar da perspectiva tecnológica.

Entre as argumentações que tive acesso, o filósofo Ludwig Wittgenstein pareceu-me possuir uma trajetória que contempla questões suficientes para equacionar ou promover uma manutenção na perspectiva tecnológica que uso como norteadora.

O método que entendo ser suficiente para a tarefa de integração conceitual consiste em expor resumidamente de forma panorâmica em três capítulos as obras *Tratatus* e *Investigações Filosóficas*, sendo nesta seqüência o capítulo um e dois e por último no capítulo três pretendo expor algumas das interpretações em torno das *Investigações filosóficas*.

O presente trabalho adquire dois sentidos, o de apresentar de forma descritiva as duas obras do autor, e um sentido mais pessoal, um possível entendimento ou interpretação das descrições apresentadas mantendo como critério orientador a questão física. Minha expectativa é de vivenciar a formulação deste trabalho e por intermédio da vivência adquirida abstrair um conceito fundamentado e claro sobre a perspectiva metafísica e a postura anti-sistêmica.

Não é pretensão deste trabalho, criticar ou problematizar as proposições aqui apresentadas ou discutir profundamente os argumentos relacionados com as obras de Wittgenstein. A função principal assume caráter descritivo.

A inclusão do capítulo primeiro como apresentação do *Tractatus* se mostrou necessária uma vez que este é pano de fundo para o surgimento e ingresso de Wittgenstein no debate filosófico e no surgimento de sua fase madura. A obra *Investigações filosóficas* foi dividida em dois capítulos no intuito de facilitar a exposição dos fundamentos e do debate em torno do possível relativismo ou ceticismo interpretado por alguns filósofos como presente nas argumentações do segundo Wittgenstein.

2 O PRIMEIRO WITTGENSTEIN: TRACTATUS, ESTRUTURA E INTERPRETAÇÕES

Ludwig Wittgenstein nasceu em Viena no ano de 1889. Entre 1908 e 1911 estudou engenharia aeronáutica, depois se dedicou ao estudo da matemática sob orientação de Frege. Este aconselhou Wittgenstein para contatar Russel e por intermédio deste aprofundar o estudo dos fundamentos da matemática. É na convivência com B. Russell que Wittgenstein inicia na filosofia.

Um dos trabalhos de Russell consiste na *Teoria das Descrições* onde o sentido das expressões e a origem dos significados presentes na linguagem recebe atenção.

Uma das conseqüências da *Teoria das Descrições* é a pergunta sobre como uma expressão pode adquirir significado sem apontar para lugar algum.

Um dos exemplos usados por Russell foi a expressão “O Rei da França é careca”. Nesta frase ocorre o entendimento do que é dito, mesmo que não exista um rei na França, mesmo que a frase aponte para lugar algum.

Como pode a sentença ser dotada de significado independente do que ocorre no mundo?

Esta é uma das questões que Wittgenstein se propôs a enfrentar. Como conseqüência de seus estudos surge sua primeira obra em forma de livro com o título *Tractatus Lógico-Philosophicus*. Esta obra foi publicada em 1922 contendo aproximadamente oitenta páginas. Registros anteriores no formato de cartas enviadas para Russel e uma publicação na revista *Analer der Naturphilosophie* em Leipzig sob o título *Logish-Philosophische Abhandlung*, além dos diários de Wittgenstein iniciados em 1914, permitem acompanhar o desenvolvimento do raciocínio que culminou na publicação do livro.

Uma das postulações encontradas nesta primeira obra é denominado atomismo, conclusão proveniente do enfrentamento ao problema da significação, onde Wittgenstein atribuiu ao sentido lingüístico, existência de entes ou objetos indivisíveis e independentes que devido sua simplicidade ou indivisibilidade não podem ser descritos. Estes objetos se apresentam através

de uma percepção imediata, algo anterior ao processo de raciocínio, permitindo assim a construção do significado.

2.1 Algumas influências em Wittgenstein

Manfredo A. de Oliveira em seu livro *Reviravolta-linguístico pragmática na filosofia contemporânea*, chama atenção para o fato da tese fundamental do *Tractatus* ser inteligível somente se entendido como uma radicalização das doutrinas de Gottlob Frege. Para Oliveira, a tese da prioridade da frase, onde só a proposição tem sentido, é uma herança da teoria dos predicados de Frege. Charles Travis compartilha da mesma perspectiva que Oliveira quando afirma que, para entender Wittgenstein é preciso olhar para Frege. Em seu livro *Para Além de Unshadowed Thought*, Travis afirma que aquilo que Wittgenstein diz no *Tractatus* ou nas *Investigações Filosóficas*, pode ser uma reação a algo que Frege diz, seja para rejeitar ou modificar.

Além de Frege, outra influência importante em Wittgenstein foi Bertrand Russell, sobre estas influências Hentikka afirma:

O fato de que Wittgenstein tenha tentado corrigir vários dos supostos erros nas linguagens lógicas tanto de Frege como de Russell, levou muitos filósofos a não levar em conta o alto grau de concordância entre sua notação que obedeça a gramática lógica e a de Frege, especialmente quanto a suas ideias fundamentais. Algumas vezes Wittgenstein até mesmo elogia a notação de Russell, ver *tractatus*, 3.318, 4.012 e 5.513 (HENTIKKA, B.; HENTIKKA, J, 1994, p. 126).

Para James Griffin no livro *o Atomismo Lógico de Wittgenstein*, a teoria da figuração recebe influência dos físicos Ludwig Boltzmann e Heinrich Hertz, sendo possível constatar um ponto de aproximação entre o conceito de objetos no *Tractatus* e o conceito de partículas em Hertz, além do pressuposto lógico e da teoria de figuração que é muito semelhante em ambos os autores, Hertz e Wittgenstein.

Segundo Griffin, Hertz argumenta em seu livro, *Os Princípios da Mecânica*, que nós fazemos figuras ou símbolos dos objetos exteriores para nós mesmos. Hertz esclarece neste mesmo livro que, suas conclusões a

respeito das partículas e da figuração, não são de caráter material como na teoria física e sim de raciocínio puramente dedutivo no sentido do a priori kantiano.

Deste modo, Griffin justifica que “boa parte das teorias do *Tractatus* é tributária da filosofia da ciência de Hertz.” (GRIFFIN, 1998, p.140).

Para Manfredo o atomismo presente no *Tractatus* é influência de Russell, afirma:

Muito importante para o esclarecimento da concepção ontológica de Wittgenstein é a sua concepção de isolamento ontológico dos elementos fundamentais, a qual está profundamente ligada ao atomismo de B. Russell. Lembramo-nos aqui, em primeiro lugar, das distinções entre estado de coisas atômicos e complexos ou situações. (OLIVEIRA, 2006, p.99).

2.2 O *Tractatus* e sua estrutura

O *Tractatus* é constituído na forma de aforismos numerados por grau de relevância lógica e conexão, sendo dividido em sete grupos principais onde o maior valor numérico do primeiro aforismo de cada grupo atribui a este maior importância lógica.

Os dois primeiros grupos tratam de esclarecer o que Wittgenstein concebe como mundo e os aforismas iniciam com os títulos, 1- O mundo é tudo que ocorre e 2 – O que ocorre, o fato, é o substituir dos estados de coisas. Partindo destes dois grupos de proposições, Wittgenstein aprofunda seus esclarecimentos sobre sua percepção de mundo.

Wolfgang Stegmüller esclarece em seu livro *A Filosofia Contemporânea*, que Wittgenstein designa por estado de coisas tudo que está no campo representativo das possibilidades e o fato é aquilo que realmente ocorre. Uma proposição verdadeira corresponde a um fato enquanto uma proposição falsa corresponde a uma possibilidade dos estados de coisas.

A realidade constitui-se no espaço lógico onde a totalidade dos fatos é o mundo e esta determina o que ocorre e também tudo que não ocorre.

Wittgenstein divide os estados de coisas em atômicos e complexos, afirmando que os estados de coisas atômicos são mutuamente independentes,

neste sentido, o mundo real deve ser imaginado como contido em uma totalidade de estados de coisas – possibilidades. Esta relação entre mundo possível e mundo real Wittgenstein busca elucidar através do conceito de espaço lógico.

No grupo três de aforismos com o título, “Pensamento é a Figuração Lógica dos Fatos”, Wittgenstein desenvolve a relação entre o mundo e os pensamentos sobre o mundo, no grupo de aforismo número quatro, inicia com o estudo da linguagem e passa para o grupo cinco e seis abordando a estrutura interna da linguagem.

A teoria da figuração parte da constatação do homem ser capaz de efetuar figurações da realidade, no entanto, Wittgenstein entende como figuração a correspondência precisa de estrutura lógica entre proposição e realidade, neste sentido, a lógica determina a linguagem e também o mundo.

A proposição é figuração da realidade; pois conheço a situação representada por ela quando entendo a proposição. E entendo a proposição sem que o sentido me seja explicado. (WITTGENSTEIN, 2001, § 4.02).

No *Tractatus*, a função essencial da linguagem é de “representar” ou “descrever” o mundo como em um quadro, as outras funções da linguagem são deduzidas dessa função primordial que é dada de imediato devido a existência de uma ordenação lógica a priori tanto no mundo como na linguagem, uma vez que, não sendo possível pensar de maneira ilógica, esta é absoluta.

Assim, tanto o mundo como a linguagem são cada um ao seu modo, estruturas atômicas, sendo na linguagem a proposição elementar constitutiva de todas as outras proposições complexas que atuam como funções de verdade das proposições elementares.

Mauro Lúcio L. Condé no livro *Wittgenstein Linguagem e Mundo*, esclarece que Wittgenstein no *Tractatus* atribui aos nomes apenas denotação e que somente a proposição possui sentido, sendo esta a menor unidade de análise semântica possível.

Uma proposição elementar mostra seu sentido imediatamente, mas o valor de verdade só pode ser acessado através da verificação onde, sendo verdadeira a proposição o fato atômico subsiste.

Manfredo A. de Oliveira identifica dois atomismos em Wittgenstein, além de alertar para o significado da categoria “coisa”, Oliveira afirma:

Há o atomismo dos fatos e o atomismo das coisas ou objetos, isto é, dos elementos de um estado de coisas. Resta notar que a categoria coisa não designa simplesmente o que nós, na vida comum, assim denominamos, pois o conceito de coisa em Wittgenstein é essencialmente relacional, isto é, a coisa só é coisa enquanto elemento de um estado de coisas, enquanto configurada deste ou de outro modo. Um estado de coisas é, precisamente, um determinado tipo de associação de coisas ou objetos. (OLIVEIRA, 2006, p.100).

Sobre a teoria das funções de verdade de Wittgenstein, Oliveira esclarece que:

Wittgenstein defende, pois, no *Tractatus* a tese de universalidade das funções de verdade. Isso significa a eliminação de todos os modos da linguagem como a negação da possibilidade de descrição de atos intencionais de qualquer espécie. Processos de fé, dúvida, desejo não podem, dentro deste contexto, ser objetivados e expressos em frases plenas de sentido. São considerados pseudocomportamentos com intenções não-objetiváveis. Da dúvida, da fé, só se pode falar quando eles condicionam um comportamento externo objetivo que, no sentido do behaviorismo, pode ser tomado no campo do figurável. De acordo, portanto, com essa teoria as frases elementares determinam totalmente as frases complexas. Neste sentido, a linguagem para Wittgenstein, é em última análise, apenas uma descrição do mundo. (OLIVEIRA, 2006, p.112).

2.3 A linguagem fenomenológica presente no *Tractatus*

Hentikka identifica no *Tractatus* o fundamento fenomenológico das afirmações de Wittgenstein quando este entende que toda estrutura lógica do mundo, contida nas proposições elementares, pode ser interpretada pelos dados imediatamente recebidos, postulando desta forma, que os dados sensíveis são a origem dos nossos conceitos.

Apontando nesta direção, Hentikka esclarece no livro *Uma Investigação sobre Wittgenstein*, que a tese onde podemos revelar a estrutura do mundo atentando para nossas vivências imediatas está na base do projeto Husserliano. Ainda segundo Hentikka, é o próprio Wittgenstein que admite

seguir uma linguagem fenomenológica quando escreve em *Philosophical remarks*¹:

Eu não viso agora a uma linguagem fenomenológica, ou linguagem primordial, como costumava chamá-la. Eu não a julgo mais necessária. O que é possível e necessário é separar o que é essencial na nossa linguagem do secundário. (HENTIKKA B.; HENTIKKA J., 1994, p.188).

A interpretação de Hentikka para o termo linguagem primordial ou linguagem fenomenológica é que Wittgenstein está se referindo ao fato da linguagem lidar com fenômenos ou dado imediato.

Hentikka cita ainda, a formulação de F, Waismann no livro *Ludwig Wittgenstein and the Vienna Circle* onde Waismann abstrai das seções 12, 53, 57, 71 e 213 do *Philosophical remarks*, nas quais Wittgenstein afirma:

Eu costumava acreditar que havia a linguagem cotidiana que comumente falamos e uma linguagem primordial que exprimia o que realmente sabemos, isto é, os fenômenos. Também falava de um primeiro sistema e de um segundo sistema. Agora, desejo explicar por que não mais adoto essa concepção. Penso que, essencialmente, temos apenas uma linguagem, a cotidiana. (HENTIKKA, B.; HENTIKKA, J., 1994, p.188).

2.4 A filosofia como crítica da linguagem

Para o Wittgenstein do *Tractatus*, somente as ciências naturais possuem sentido, já que estas atuam sobre os fatos e verificação destes.

No caso da filosofia Wittgenstein afirma:

A finalidade da filosofia é o esclarecimento lógico dos pensamentos. A filosofia não é teoria, mas atividade. Uma obra filosófica consiste essencialmente em comentários. A filosofia não resulta em proposições filosóficas mas em tornar claras as proposições. A filosofia deve tornar os pensamentos que, por assim dizer, são vagos e obscuros e torná-los claros e bem delimitados. (WITTGENSTEIN, 2001, § 4.112).

¹ *Philosophical remarks* são anotações de Wittgenstein posterior a publicação do *Tractatus* e marca o início da transição de Wittgenstein rumo aos argumentos das *Investigações Filosóficas*. Hentikka defende que a principal mudança no período de transição foi a substituição de uma linguagem fenomenológica por uma linguagem fisicalista.

Sendo a finalidade da filosofia o esclarecimento lógico do pensamento e cabendo à lógica cuidar de si mesma, tem como consequência que, tudo o que na lógica é possível, é permitido independente dos fatos.

Cabe à filosofia esclarecer proposições que dizem fatos, estes são esclarecimentos lógicos do pensamento, crítica da linguagem.

2.5 O indizível e o sentido, mostrar e dizer

O discurso filosófico carece de sentido quando busca abordar temas que ultrapassam os limites da linguagem e tenta dizer o indizível. Tudo o que é possível às vezes é mostrar em vez de dizer, isso inclui os temas da ética, estética, religião e diversos casos cotidianos de vida.

A maioria das proposições e questões encontradas em obras filosóficas não são falsas, mas contra-sensos. Consequentemente, não podemos dar qualquer resposta a questões deste tipo, mas apenas mostrar seu caráter de contra-senso. A maioria das proposições e questões dos filósofos surge de nosso fracasso em compreender a lógica de nossa linguagem. (WITTGENSTEIN, 2001, § 4.003).

Urbano Zilles em seu livro *O Racional e o Místico em Wittgenstein* afirma que na perspectiva de Wittgenstein é admissível algo fora do mundo e da linguagem, o místico:

Para Wittgenstein, o sujeito empírico é objeto da ciência e o sujeito espiritual situa-se na dimensão mística porque o sujeito pensante não é como uma coisa que ocorre no mundo descritível. A mística designa tudo que não é abrangível pela ciência, como a metafísica, a ética, a estética, a religião, enfim, a vida cotidiana. (ZILLES, 1994, p.46).

W. Stegmüller identifica no *Tractatus* três formas distintas do mostrar, sendo elas o mostrar externo, interno e místico. Neste sentido o mostrar externo se refere à proposição que mostra seu sentido, o mostrar interno diz respeito a forma lógica da proposição, esta forma lógica não pode ser representada. A proposição pode representar a realidade inteira, não pode, porém, representar o que ela deve ter em comum com a realidade para poder representá-la – a forma lógica. (WITTGENSTEIN, 2001, § 4.12).

No mostrar místico Stegmuller aponta para o aforisma 6.522 onde Wittgenstein afirma: “Existe, com efeito, o indizível. Isto se mostra; é o místico.” (WITTGENSTEIN, 2001,§ 6.522).

A real distinção entre dizer e mostrar reside no fato de ela estabelecer um vínculo entre as duas partes, interditando tanto as proposições acerca da essência da representação simbólica, como pronunciamentos místicos relativos a esfera de valor. A lista do inefável no caso do *Tractatus* não é pequena, incluindo:

A forma pictórica comum à figuração e à coisa figurada (WITTGENSTEIN, 2001,§ 2.172-2.174), o significado dos signos e o fato de dois signos terem o mesmo significado (WITTGENSTEIN, 2001,§ 3.33 e 6.23), o fato de um símbolo significar um objeto ou um número (WITTGENSTEIN, 2001,§ 4.126), o sentido de uma proposição (WITTGENSTEIN, 2001,§ 2.221, 4.022 e 4.461), a lógica dos fatos (4.0312), a multiplicidade lógica ou a forma lógica de uma proposição e da realidade (WITTGENSTEIN, 2001,§ 4.041, e 4.12), o fato de que uma proposição possa dizer a respeito a um certo objeto (WITTGENSTEIN, 2001,§ 4.1211, 5.535), o fato de que alguma coisa caia sob um conceito formal (WITTGENSTEIN, 2001,§ 4.126), o fato de proposições lógicas serem tautologias e não se referirem a constantes lógicas (WITTGENSTEIN, 2001,§ 4.0621,4.461), o fato de uma proposição seguir-se de outra (WITTGENSTEIN, 2001,§ 5.12, 5.132, 6.1221), os limites ou armação da linguagem e do mundo (WITTGENSTEIN, 2001,§ 5.5561, 5.6, 6.124), a idéia de que não há alma (WITTGENSTEIN, 2001,§ 5.5421) o que há de verdade no solipsismo – na idéia de que o mundo é meu mundo (WITTGENSTEIN, 2001,§ 5.62), o fato de que há leis da natureza (WITTGENSTEIN, 2001,§ 6.36), a esfera da ética e de tudo aquilo que há de mais elevado (WITTGENSTEIN, 2001,§ 6.42), o significado da vida a esfera do místico (WITTGENSTEIN, 2001,§ 6.52).

Usar uma linguagem de representação é, portanto, pressupor a existência daquilo que ela representa, é algo que não poderá ser feito usando a linguagem que o representa. “Que o mundo exista, e não como existe, é precisamente o que dá origem à experiência mística.” (WITTGENSTEIN, 2001,§ 6.44).

Wittgenstein entende que proposições metafísicas não expressam qualquer pensamento, são construções lingüísticas absurdas já que apontam para além do limites da linguagem. No entanto, o que está para além destes limites, pode ser acessado através da vivência mística – dado imediato.

Para Stegmuller, dizer que as proposições filosóficas são absurdas não equivale a dizer que não possuem valor.

Se a filosofia não é compreendida como uma espécie de ciência, cujo objetivo é provar proposições com o teor descritivo verdadeiro, mas como uma atividade, então as proposições sem sentido podem adquirir uma importante função elucidativa. E uma tal função Wittgenstein atribui ao *Tractatus*, minhas proposições elucidam, pois, quem me entende, as reconhece afinal como absurdas. (STEGMULLER, 1977, p.427).

2.6 O fundamento metafísico

Wittgenstein postula certo absolutismo ao afirmar que o mundo só pode ser dividido de um único modo e esta divisão leva sempre para os fatos mais simples - atomismo.

O argumento onde existem estados de coisas independentes da linguagem, em um mundo “em si mesmo dividido”, é entendido por Stegmuller, Grayling e Hacker como sendo no *Tractatus* uma exposição sistemática onde a metafísica precede a filosofia da linguagem.

Para Silvia Faustino em seu livro, *Wittgenstein, o Eu e sua Gramática*, o *Tractatus* tem como efeito um tipo de solipsismo transcendental, onde o sujeito metafísico do *Tractatus* não é concebido como um homem comum, ele, sujeito, não é o corpo humano e nem a alma humana de que a psicologia se refere. O sujeito metafísico não pode ser designado, nem sequer pertence ao mundo ou possui densidade ontológica.

Sobre a afirmação de Wittgenstein:

Onde no mundo se há de notar um sujeito metafísico?
 Você diz que tudo se passa aqui como no caso do olho e do campo de visão. Mas o olho você realmente não vê.
 E nada no campo visual permite concluir que é visto a partir de um olho (WITTGENSTEIN, 2001, § 5.633).

Faustino esclarece o que segue:

A maneira de Wittgenstein conceber o solipsismo no *Tractatus* e em toda sua obra é bastante singular: contrário à tradição, Wittgenstein jamais o pensa como uma doutrina oposta ao realismo. Pelo

contrário, a 'verdade' do solipsismo consiste em que, 'levado às últimas conseqüências', 'coincide com o realismo' (WITTGENSTEIN, 2001, § 5.64) Essa coincidência do solipsismo com o realismo ancora-se na concepção de que a realidade encontra-se inteiramente 'coordenada' ao sujeito metafísico: a realidade que pode ser representada na linguagem é aquela cujas linhas de projeção partem do sujeito metafísico. (FAUSTINO, 2006, p.91).

O Wittgenstein do *Tractatus* buscou estabelecer que as relações são internas entre as coisas e os estados de coisas de que podem fazer parte, apontou também para a conexão interna entre proposição e o fato que ela representa, entre nome e o objeto e entre o sujeito metafísico e a substância do mundo, buscou demonstrar que o conhecimento humano é algo não lingüístico e da possibilidade de uma linguagem universal.

Wittgenstein termina o *Tractatus* afirmando que aquilo que pode ser dito, pode ser dito com clareza e o que não pode ser dito, deve-se calar.

Urbano Zilles manifesta ter a impressão que no *Tractatus*, o mais importante é aquilo que não foi dito. Segundo ele:

Lendo atentamente a última parte do *Tractatus* e seu prefácio, temos a impressão de que situa os problemas mais profundos fora da linguagem. Deixa, todavia, certa ambigüidade. De uma parte, o indizível tem conotação positiva e, de outra, parece compartilhar a atitude positivista de menosprezo. Inegavelmente a distinção entre o dizer e mostrar caracterizam sua filosofia. Parece que, no *Tractatus*, o mais importante é aquilo que não foi dito. (ZILLES, 1994, p.53).

2.7 Principais críticas de Crayling ao *Tractatus*

Na opinião de A. C. Grayling o *Tractatus* foi recebido como um trabalho de interesse histórico não como um argumento que exige o desafio que as teses filosóficas geralmente recebem, sendo, raras vezes criticado de forma séria. Para Grayling a influência do *Tractatus* junto ao positivismo lógico não é tão forte como os admiradores de Wittgenstein acreditam.

Grayling afirma:

Estudos mais recentes dizem que a relação entre o trabalho do primeiro Wittgenstein e do Círculo não foi de modo algum tão direta.

Não há dúvida de que houve uma conexão; mas parece que a influência de Wittgenstein foi bem menor do que se supõe, sendo exercida sobre tudo em apenas dois dos membros do Círculo, os quais entre tanto não chegaram a discordar do Círculo por causa disto. (GRAYLING, 2002, p. 77).

Um dos motivos apontado por Grayling para o *Tractatus* ser recebido mais como algo de interesse histórico, é que:

Em primeiro lugar, Wittgenstein deu por certo no *Tractatus* que a linguagem tem uma essência única que ele poderia especificar ao trazer a luz sua estrutura lógica. Os conceitos tendenciosos são a essência e a forma lógica da linguagem. A ideia de que a linguagem tem uma natureza unitária que pode ser capturada numa fórmula única, cuja identificação fornece de um só golpe soluções para todos os problemas filosóficos sobre pensamento, mundo, valor, religião, verdade e outras coisas é extraordinariamente ambiciosa, mas é isso que o primeiro Wittgenstein nos pede que aceitemos.” (GRAYLING, 2002, p. 71).

Por diversas interpretações argumentadas em seu livro, Grayling afirma que:

Não é mais possível pensar que o *Tractatus* inspirou um movimento filosófico, como a maioria dos comentadores antigos afirmou. Isso absolutamente não significa que o *Tractatus* é historicamente desprezível. Ele é importante porque é um exemplo inflexível, até mesmo extremo, de 'atomismo lógico', mostrando, portanto, com certa vivacidade o que essa espécie de visão pode implicar. Mas sua importância primordial consiste em ser a fonte, em parte positiva e em maior parte negativamente, para a própria filosofia do segundo Wittgenstein. (GRAYLING, 2002, p. 84).

2.8 Do *Tractatus* para as Investigações Filosóficas

Após a publicação do *Tractatus* Wittgenstein perde o interesse temporariamente pela filosofia, se afastando para a vivência de novas perspectivas, passou seis anos como professor secundário. Seu retorno ao campo filosófico foi marcado pela radical crítica, do próprio Wittgenstein, ao seu primeiro trabalho, o *Tractatus*.

No *Tractatus* Wittgenstein assumiu como tese fundamental o fato da linguagem figurar “o mundo sobre o qual ela fala e a respeito do qual nos informa.” (OLIVEIRA, 2006, p.96). A *Teoria da Figuração do Mundo* tem como

base as estruturas lógicas, estas por sua vez proporcionam a *Teoria das Funções de Verdade*, sendo a forma lógica condição de possibilidade de qualquer figuração. “Neste sentido, a linguagem para Wittgenstein é, em última análise, apenas uma descrição do mundo.” (OLIVEIRA, 2006, p.112).

O *Tractatus* manteve a base fundamental da tradição filosófica, admitindo a linguagem como função designativa onde, para saber o significado de uma palavra, basta saber o que ela designa. Ficando a linguagem responsável pela designação da essência comum aos tipos de objetos ou singularidades. “Em suma, as palavras têm sentido porque há objetos que elas designam: coisas singulares ou essências.” (OLIVEIRA, 2006, p.121).

Uma das conseqüências encontradas no *Tractatus* é a impossibilidade de uma metalinguagem uma vez que, esta “não passa, pois, de uma ilusão. A estrutura da linguagem é indizível, apenas se mostra.” (OLIVEIRA, 2006, p.113). Esta estrutura da linguagem está fora do mundo e da própria linguagem, esta além da física, é o místico.

Para Hentikka, um dos motivadores na mudança do primeiro Wittgenstein para o segundo, do *Tractatus* para as *Investigações Filosóficas*, é o enfrentamento por Wittgenstein do fato das comparações *linguagem-mundo* ocorrerem no tempo².

Segundo Hentikka:

As comparações entre linguagem-mundo devem ocorrer no tempo. Isso torna a condição dos objetos do *Tractatus* extremamente ambígua. Pois, se esses objetos são atemporais, os complexos desses objetos são presumivelmente atemporais. Mas, se assim for, será impossível comparar esses fatos atemporais com as proposições de nossa linguagem, que pertence ao mundo do tempo físico. (HENTIKKA B.; HENTIKKA J., 1994, p.226).

Independente do que motivou uma nova perspectiva em Wittgenstein ou do fato de existir diferenças profundas entre a primeira e a segunda obra, Oliveira esclarece que “a questão fundamental permanece, ou seja, o interesse especial de Wittgenstein é a linguagem e o pensamento.” (OLIVEIRA, 2006, p.95).

² Hentikka sinaliza que estas preocupações sobre o tempo podem ser encontradas nos escritos de Wittgenstein em *Philosophical remarks*.

A obra *Investigações Filosóficas* é reconhecida entre outras coisas como uma crítica ou oposição ao *Tractatus* e a tradição filosófica, onde Wittgenstein promove uma reviravolta Linguístico-Pragmática rompendo com as influências da tradição e promovendo “inovador modelo de racionalidade apresentado por este filósofo.” (CONDÉ, 2004, p.117).

3 O SEGUNDO WITTGENSTEIN: CRÍTICA AO TRACTATUS

Na obra *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein reserva uma parte considerável dos argumentos para se opor à teoria objetivista da linguagem e atacar a concepção individualista do conhecimento da linguagem e todo dualismo epistemológico e antropológico.

O prefácio das *Investigações Filosóficas* sinaliza sobre o objetivo da obra:

Mas, há quatro anos, tive ocasião de ler novamente o meu primeiro livro (o Tratado Lógico-Filosófico) e de esclarecer os seus pensamentos. Pareceu-me, de repente, que eu deveria publicar aqueles antigos pensamentos junto com os novos: estes poderiam receber sua reta iluminação somente pelo confronto com os meus pensamentos mais antigos e tendo-os como pano de fundo. (WITTGENSTEIN, 2005, p.12)

Uma das preocupações centrais nas *Investigações Filosóficas* é destruir o pressuposto onde a linguagem é entendida como figuração do mundo. David Pears aponta nesta direção quando afirma que o alvo principal no segundo Wittgenstein é a crítica aos dados sensíveis:

O alvo primário de sua crítica da linguagem privada é a linguagem dos dados sensíveis que os fenomenalistas afirmavam que cada um de nós poderia estabelecer independentemente de qualquer coisa no mundo físico e, portanto, de forma isolada uns dos outros. (PEARS, 2007, p.885).

Nesta nova fase, a concepção de linguagem proposta por Wittgenstein não aponta diretamente para qualquer comparação representacionista entre linguagem e mundo. “O pensamento do segundo Wittgenstein é, em contraposição ao da primeira fase, anti-sistemático.” (OLIVEIRA, 2006, p. 118)

3.1 A Concepção de Linguagem

A obra *Investigações Filosóficas* inicia com uma citação de um trecho das confissões de Agostinho onde este descreve a maneira como aprendeu a falar:

Quando os adultos nomeavam um objeto qualquer voltando-se para ele, eu o percebia e compreendia que o objeto era designado pelos sons que proferiam, uma vez que queriam chamar atenção para ele (...). Assim, pouco a pouco eu aprendia a compreender o que designam as palavras que eu sempre de novo ouvia proferir nos seus devidos lugares (...). (WITTGENSTEIN, 2005, § 1).

Desta descrição sobre o aprendizado da linguagem Wittgenstein vai extrair algumas conseqüências que entende como um erro histórico da tradição filosófica, como a idéia de aprendermos uma linguagem exclusivamente para expressar nossas impressões, ou ainda, que o aprendizado da linguagem ocorre através da associação de nomes a objetos.

Para Wittgenstein, este erro histórico é fundamentado sob uma concepção primitiva do funcionamento da linguagem onde a linguagem é compreendida através de um pequeno segmento de tudo aquilo que poderíamos designar como “sistema de comunicação”. Este pequeno segmento descreve uma linguagem onde:

pensa, primeiramente, em substantivos como ‘mesa’, ‘cadeira’, ‘pão’ e em nomes de pessoas. Somente em segundo plano, em nomes de certas atividades e qualidades e nas restantes espécies de palavras como algo que se irá encontrar (WITTGENSTEIN, 2005, § 1).

A concepção de linguagem descrita por Agostinho em concordância com a tradição filosófica consiste em atribuir como função essencial da linguagem a representatividade, onde, palavras servem para designar objetos.

Wittgenstein contesta esta concepção de linguagem por entender que o exercício de aprendizagem não ocorre na relação entre significado e objeto, e sim, através da conexão conceitual entre significado e uso.

O ensino de uma palavra para Wittgenstein é comparável com o ensino de uso de uma peça no jogo de xadrez. Quando alguém é ensinado a jogar xadrez não aprende as funções da peça denominada “rei do xadrez” apenas ao ser mostrado a forma da figura de um rei, mas sim, ao ser descrito

as regras de uso da referida peça, onde são relatados os lances válidos com a figura do rei no interior do jogo.

Assim como apontar para a peça “rei do xadrez” e pronunciar seu nome não irá elucidar o uso desta peça no jogo, a associação de nomes a objetos não elucida os diversos usos da palavra. No caso da compreensão da palavra, ela ocorre em conjunto com uma determinada instrução ou regra de uso nos distintos contextos. Neste sentido, ensinar o significado de palavras tem como função proporcionar o uso destas a partir da isenção em diferentes contextos, em diferentes circunstâncias de uso através da delimitação das finalidades que a palavra pode cumprir.

O aprendizado de uma linguagem ocorre através da compreensão e uso das regras que compõem as conexões gramaticais que, para Wittgenstein são as mais sólidas possíveis com uma rigidez superior a qualquer conexão empírica. Seu argumento não se dedica a explicar tal rigidez, uma vez que o autor parte do fato de estarmos constantemente desenvolvendo e utilizando regras em uma perspectiva social e antropológica.

Wittgenstein afirma que:

Não é possível um único homem ter seguido uma regra uma única vez. Não é possível uma única comunicação ter sido feita, uma única ordem ter sido dada ou entendida uma única vez, etc. – Seguir uma regra, fazer uma comunicação, dar uma ordem, jogar uma partida de xadrez, são hábitos. Compreender uma frase significa compreender uma língua. Compreender uma língua significa dominar uma técnica. (WITTGENSTEIN, 2005, § 199).

O ato de seguir uma regra não é entendido como um agir uniforme, já que as regras não são fixas, variando de acordo com as práticas dos grupos sócio-culturais que as determinam, onde, a constituição gramatical tem sua estrutura na obediência de tais regras que, guiam os falantes no agir cotidiano.

Neste sentido, seguir uma regra é uma prática social. “*E por isso não se pode seguir uma regra ‘privatim’, porque, do contrário, acreditar seguir uma regra seria o mesmo que seguir a regra.*” (WITTGENSTEIN, 2005, § 202).

A legitimação de que alguém age conforme a regra é possível se adotarmos como critério a capacidade deste indivíduo em expressar o emprego da mesma.

Ora, tal capacitação é algo historicamente adquirido. Apesar de a linguagem pertencer, naturalmente, à vida do homem, o poder de usá-la é uma capacidade adquirida por meio de um adestramento, ou seja, de um verdadeiro, aprendizado das normas e dos papéis implicados nesses atos. Isso tudo manifesta, de um lado, como de fato o Wittgenstein da segunda fase não separa a linguagem da práxis social; por outro lado, como sua concepção de linguagem se afasta de uma outra posição que também tenta pensar a relação entre linguagem e práxis: o behaviorismo lingüístico. O ponto central da divergência está em que, enquanto o behaviorismo pensa a linguagem em última análise como um fenômeno natural, pois o pense por meio de categoria comportamentalista do estímulo-resposta, Wittgenstein a pensa como um fenômeno histórico, ou seja, fruto da liberdade criativa do homem. (OLIVEIRA, 2006, p.143).

Para Wittgenstein é preciso pensar no estudo da linguagem em partes contextualizadas pelos seus respectivos jogos de linguagem cuja regra é dada na gramática e, onde os problemas de comunicação ocasionados pelo confronto de jogos diferentes podem ser diluídos.

Uma das fontes de erro em filosofia consiste, precisamente, em isolar expressões do contexto em que elas surgem, o que significa não compreender toda a dimensão da gramática da linguagem. (OLIVEIRA, 2006, p.140).

3.2 A linguagem como jogo

O agir segundo regras de um determinado grupo pode ser entendido como jogo de linguagem, onde:

1) agir segundo regras é uma práxis; 2) a compreensão das regras é atribuída àquele cuja performance condiz com as mesmas; 3) o próprio agir é o critério pelo qual reconhecemos o uso correto das regras; 4) quem compreende as regras de uso de uma expressão deve ser capaz de elucidá-la. (DIAS, 2000, p.61).

O conceito de jogo de linguagem nas Investigações Filosóficas é introduzido por Wittgenstein através de exemplos e entendido como sendo o jogo pelo qual a criança aprende a língua materna em um processo de denominação e repetição de palavras pronunciadas, bem como a totalidade formada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada.

Os jogos de linguagem são múltiplos e variados, onde “mesmo seguindo as mesmas regras, ninguém joga do mesmo modo.” (OLIVEIRA,

2006, p.144). Os múltiplos jogos de linguagem não caracterizam uniformidade lingüística, tendo como aparente alguns nuances familiares.

Observe, p.ex., os processos a que chamamos 'jogos'. Tenho em mente os jogos de tabuleiro, os jogos de cartas, o jogo de bola, os jogos de combate, etc. O que é comum a todos estes jogos? – Não diga: 'Tem de haver algo que lhes seja comum, do contrario não se chamariam 'jogos' – mas olhe se há algo que seja comum a todos. – Porque quando olhá-los, você não verá algo que seria comum a todos, mas verá semelhanças de família, parentescos, aliás, uma boa quantidade deles. (WITTGENSTEIN, 2005, § 66).

Embora Wittgenstein apresente diversos exemplos sobre o que seriam jogos de linguagem, ele não propõe uma definição clara sobre o tema. Segundo Oliveira, esta parece ser uma atitude premeditada na tentativa de evitar um essencialismo:

Wittgenstein recusa-se conscientemente a dar uma definição do que seja jogo de linguagem, pois, do contrário, estaria incorrendo em essencialismo e contradiz, precisamente, a intenção básica da sua filosofia na segunda fase, que consiste em eliminar o sentido metafísico dado as palavras, retornando ao uso do dia-a-dia. (OLIVEIRA, 2006, p.142).

Sobre os jogos de linguagem, Oliveira entende que:

O conceito do jogo da linguagem pretende acentuar que, nos diversos contextos, seguem-se diferentes regras, podendo-se, a partir daí, determinar o sentido das expressões lingüísticas. Ora, se assim é, então a semântica só atinge sua finalidade chegando à pragmática, pois seu problema central, o sentido das palavras e frases, só pode ser resolvido pelos contextos pragmáticos. (OLIVEIRA, 2006, p. 139).

Os jogos de linguagem podem ser interpretados como ações comunicativas entre sujeitos livres e suas culturas, entre formas de vida.

3.3 Formas de vida

O conceito de forma da vida é tido como polêmico e para alguns comentadores não possui importância real. Nas *Investigações Filosóficas* a referência ao termo “forma de vida” aparece cinco vezes.

Glock e Condé defendem a importância do conceito de forma de vida argumentando que os jogos de linguagem estão embutidos e são parte da forma de vida.

Wittgenstein afirma que a representação de uma linguagem significa a representação de uma forma de vida, no entanto, não esclarece explicitamente este conceito e afirma que, “o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida.” (WITTGENSTEIN, 2005, § 23) Neste sentido “a forma de vida é o ancoradouro último da linguagem.” (CONDÉ, 1994, p.104)

Tanto para Glock como para Condé o conceito de forma de vida está relacionado com uma formação pública, cultural ou social, sendo “a totalidade das atividades comunitárias em que estão imersos os nossos jogos de linguagem.” (GLOCK, 1998, p. 174). Uma possível pista para esta questão parece estar contida na afirmação de Wittgenstein:

Assim você está dizendo, portanto, que a concordância entre os homens decide o que é certo e o que é errado? – certo e errado é o que os homens dizem; e os homens estão concordes na linguagem. Isso não é uma concordância de opiniões, mas da forma de vida. (WITTGENSTEIN, 2005, § 241).

Alexandre Noronha Machado parece apontar para mesma direção de Glock e Condé. Machado entende que o critério de verdadeiro ou falso é uma questão pública, cultural. Nesta direção Machado conclui:

O que está na base da linguagem não é um conhecimento; portanto não é algo verdadeiro ou falso. A prática que está na base da linguagem é essencialmente pública. Mas isso não significa que um solitário inato não possa criar uma linguagem. Significa que a linguagem não nasceu de uma operação mental independente das práticas públicas. (MACHADO, 2007, p. 473).

Sobre a noção de critério, machado esclarece:

A noção de critério desempenha um papel importante nas reflexões de Wittgenstein. Ela não é uma noção puramente epistêmica, que desempenha um papel apenas na investigação sobre o que podemos conhecer, mas primariamente semântica, ou seja, desempenha um papel na investigação sobre o significado das nossas expressões lingüísticas. As investigações semânticas baseadas na noção de critério têm conseqüências epistêmicas,

como, por exemplo, a impossibilidade de que todos os nossos juízos coerentes sejam falsos. Essa impossibilidade é a impossibilidade de que o uso de nossas expressões seja baseado apenas em sintomas (como pensa o cético). A relação sintomática é puramente epistêmica (embora haja flutuações entre critérios e sintomas). É a relação criterial que determina a normatividade do uso das expressões lingüísticas. (MACHADO, 2007, p. 473).

3.4 Gramática, regra para jogos de linguagens

A gramática na perspectiva de Wittgenstein possui uma forma autônoma de funcionamento que não corresponde necessariamente ao mundo, mas sim, as interações sociais de um determinado grupo ou forma de vida. As regras que constitui a gramática possuem certa flexibilidade podendo ser modificadas, eliminadas ou ainda acrescentadas no momento da práxis social, onde a evolução natural dos jogos de linguagem ocorre concomitantemente à evolução das regras. Algumas regras são abandonadas junto com os jogos de linguagem e outras surgem, modificando o quadro de referências.

Para explicar esta flexibilidade das regras Wittgenstein descreve um jogo de bola no qual ocorre um jogo sem compromisso, onde:

Podemos muito bem imaginar pessoas que se divertem num campo, jogando com uma bola, de sorte que começassem diversos jogos conhecidos, não levassem alguns até o fim, entrementes atirassem a bola para o alto sem objetivo, corressem uns atrás dos outros com a bola por brincadeira e atirassem uns nos outros, etc. E agora alguém diz: As pessoas jogam o tempo todo um jogo de bola, e por isso guiam-se, a cada jogada, por regras determinadas. E não há também o caso, onde jogamos e – ‘make up the rules as w ego along’? Sim, também o caso, em que nós as modificamos – as w ego along. (WITTGENSTEIN, 2005, § 83).

A gramática é dividida em dois níveis denominados de gramática profunda e superficial. Na gramática superficial não ocorre uma observação do contexto gramatical onde surgem as expressões. Neste sentido, a gramática superficial pode ser entendida da mesma maneira que a gramática convencional, ou seja, como “o conjunto de normas para a construção correta de frases” (OLIVEIRA, 2006, p.141).

É na gramática profunda que se observam as regras do uso da linguagem e suas semelhanças nos diversos jogos existentes. O conceito de gramática profunda possui estreita relação com a pragmática e ocupa um papel central na filosofia madura de Wittgenstein. Seu significado pode ser entendido como “conjunto de regras que constitui determinado jogo de linguagem.” (OLIVEIRA, 2006, p.141).

Para libertar-se do enfeitiçamento da linguagem o filósofo precisa entender a gramática profunda das palavras e o uso de suas regras, precisa livrar-se das analogias enganadoras e deixar de se alimentar por apenas um tipo de exemplo, buscando uma visão panorâmica dos problemas suscitados pelo mau uso da linguagem.

Só aprendemos a significação das palavras quando sabemos operar com elas, isto é, quando internalizamos as regras de seu uso nos diversos jogos de linguagem. É jogando o jogo que aprendemos de fato suas regras. Daí a necessidade de um adestramento: no caso da linguagem comum, trata-se de aprender um processo de comunicação normado. Não se trata simplesmente de repetir símbolos, mas de aprender a agir de um modo determinado, ou seja, de acordo com as regras específicas do tipo de ação em questão. (OLIVEIRA, 2006, p.145).

É a gramática que determina as regras do jogo, esta por sua vez é constituída pelos jogadores na práxis social e não por apenas um indivíduo, desta forma:

No jogo, o homem age, mas não simplesmente como indivíduo isolado de acordo com seu próprio arbítrio, e sim de acordo com regras e normas que ele juntamente com outros indivíduos estabeleceu. Essas regras constituem um quadro de referência intersubjetivo que, por um lado, determina as fronteiras das ações possíveis, estabelecidas comunitariamente, e, por outro, deixa ao indivíduo, dentro dele, o espaço para as iniciativas. (OLIVEIRA, 2006, p.144).

3.5 A impossibilidade de uma linguagem privada

Qualquer recurso a estados mentais ocultos ou a prática de uma linguagem privada, em nada contribui no processo de compreensão gramatical por não serem passíveis de expressão comunitária.

Para Wittgenstein, o equívoco na admissão da existência de uma linguagem privada ocorre devido ao fato da concepção agostiniana da linguagem ter como pressuposto que, ao saber o que a palavra designa compreende-se e se conhece todo o seu emprego.

Em uma linguagem privada, o significado do nome de uma sensação é fixado através de uma regra particular que estabelece mediante uma definição interna o critério de correção para o uso do significado.

Wittgenstein argumenta sobre a impossibilidade de uma linguagem privada uma vez que o critério de correção para o uso do significado precisa ocorrer em concordância com os demais membros de um grupo, na práxis social.

...seguir uma regra é uma práxis. E acreditar seguir uma regra não é seguir a regra. E daí não podemos seguir a regra privadamente. (WITTGENSTEIN, 2005, § 202).

Proposições de sensação na primeira pessoa do singular representam ou descrevem experiências que não podem ser verificadas uma vez que o critério de correção e identificação é privado.

Em um dos esclarecimentos sobre este assunto, Wittgenstein argumenta:

Suponhamos que cada um tivesse uma caixa e que dentro dela houvesse algo que chamamos de 'besouro'. Ninguém pode olhar dentro da caixa do outro; e cada um diz que sabe o que é um besouro apenas por olhar o seu besouro. Poderia ser que cada um tivesse algo diferente em sua caixa. (WITTGENSTEIN, 2005, § 293).

Neste sentido, o uso de uma linguagem privada inviabilizaria os jogos de linguagem, impossibilitando a comunicação uma vez que o significado de nossas expressões é proveniente do restante do nosso modo de ação.

O argumento da linguagem privada é central nas Investigações Filosóficas e gerou diversas interpretações, principalmente sobre o parágrafo 293, considerado por muitos comentadores o mais polêmico. Neste parágrafo, Strawson entende que Wittgenstein nega toda e qualquer possibilidade de nomear sensações e J. Bennett interpreta como consequência do argumento § 293, uma negação referente à confiabilidade da memória, apontando para uma validação empírica, anulando assim, o conhecimento relativo ao passado.

Para Maria Clara Dias, tanto Strawson como Bennett se equivocaram ao interpretar o argumento do parágrafo 293, uma vez que, não identificaram que o argumento deste referido parágrafo aponta para noção de critério.

Neste sentido, alerta Dias:

Em suma, a tese de Strawson segundo a qual é possível identificar e reconhecer uma sensação privadamente, sem qualquer critério, apenas pela própria sensação, é a tese defendida pelos que postulam a possibilidade de uma linguagem privada. (DIAS, 2000, p.73).

Sobre a interpretação de Bennet, Dias esclarece:

Nada em Wittgenstein parece impedir que confiemos em nossa memória, assim como nada nos indica que nossa memória seja indiferenciada ou caótica. Se uma linguagem “privada de fato” é aquela na qual alguém se encontra sozinho seguindo regras, ela em nada pode nos parecer problemática, pois será então potencialmente comunicável. Isso significa que deverá ter critério de correção. Quando Bennett nos fala na recusa de uma linguagem necessariamente privada, talvez esteja supondo que pudesse haver uma linguagem privada, porém potencialmente pública. Ora, qualquer linguagem que seja potencialmente comunicável não é privada no sentido que Wittgenstein pretende recusar. (DIAS, 2000, p.79).

David Pears, assim como Dias, aponta para a interpretação do argumento da linguagem privada como noção de critério, neste sentido Pears afirma:

O chamado argumento da linguagem privada das Investigações Filosóficas relaciona-se com a rejeição de um solipsismo que se baseia num ego sem um critério de identidade... O ego solipsista carece de qualquer critério de identidade pessoal e, de forma similar, se a qualidade de uma experiência sensorial estivesse completamente desvinculada de tudo o mais no mundo físico – não só de qualquer estímulo mas também de qualquer resposta – ela careceria de qualquer critério de identidade. (PEARS, 2007, p.883).

3.6 O Método das Investigações Filosóficas

O Wittgenstein das Investigações Filosóficas concebe a linguagem como toda e qualquer forma de ação, neste sentido, o agir humano é sempre

um ato de comunicação contextualizado por critérios, em um determinado ambiente social.

A compreensão do agir humano pode ser adquirida através de um método descritivo onde a proposta não esteja comprometida com a imposição normativa ou epistemológica. A realidade é aquilo que se realiza, é o que ocorre na prática cotidiana de cada forma de vida e não uma mera concepção semântica. Esta é a postura assumida por Wittgenstein em sua fase madura.

Nos parágrafos 89 até 133 da obra *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein trata de esclarecer sua maneira de filosofar descrevendo o método empregado na construção de seu raciocínio e sua perspectiva sobre a função do exercício filosófico.

Para Wittgenstein os problemas filosóficos são mal-entendidos que se originam do desconhecimento de como funciona a gramática e se revelam nas perguntas que fazemos ao filosofar.

O exercício filosófico pode ser comparado a uma arrumação metódica dos livros de uma biblioteca onde nada de novo é descoberto, mas os livros que ali estão serão organizados sob determinadas regras. Nesta analogia as regras fazem referência ao uso da linguagem e sua gramática, cabendo ao filósofo organizar o que antes estava desorganizado.

A filosofia não deve, de forma alguma, tocar o uso real da linguagem; o que pode é apenas descrevê-lo. Pois ela também não pode fundamentá-lo. Ela deixa tudo como é. Ela deixa também a matemática como é, e nenhuma descoberta matemática pode fazê-la avançar. Um 'problema preponderante da lógica matemática' é para nós um problema da matemática como qualquer outro. (WITTGENSTEIN, 2005, § 124).

O objetivo do exercício filosófico é libertar o filósofo das armadilhas da linguagem quando este se encontrar enfeitiçado pela gramática superficial das palavras, tornando-se a filosofia uma “luta pelo enfeitiçamento de nosso intelecto pelos meios de nossa linguagem” (WITTGENSTEIN, 2005, § 109).

Wittgenstein adota como método para o exercício filosófico a substituição de qualquer explicação pela prática descritiva, cabendo ao filósofo descrever as diversas maneiras possíveis de uso das expressões lingüísticas. “O trabalho do filósofo é compilar recordações para uma determinada finalidade.” (WITTGENSTEIN, 2005, § 127).

Para Urbano Zilles o método proposto por Wittgenstein consiste em ver os casos problemáticos à luz dos não-problemáticos onde: Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito conhecido (WITTGENSTEIN, 2005, § 109)

David Pears esclarece este método afirmando que:

Espera-se que os filósofos sejam capazes de abstrair o geral do particular, mas Wittgenstein era exatamente o oposto – uma rara habilidade de ver o particular no geral. Ele poderia demolir uma teoria com poucos contra-exemplos apropriados. Seu método consistia em descrever uma situação cotidiana que trouxesse a especulação filosófica ao chão. (PEARS, 2007, p.879).

O erro da tradição filosófica na opinião de Wittgenstein consistiu na tentativa de produzir uma filosofia científica onde o filósofo buscava explicações para definir a realidade e compreender o mundo semelhante à postura científica, aferindo a possibilidade epistemológica como um modelo de representação do mundo, neste sentido, a filosofia assumiu um papel normativo tanto quanto a ciência, já que questionava sobre o que é determinado conceito em vez de perguntar sobre como este é usado na prática social.

Para Wittgenstein, a forma correta de filosofar é, portanto incompatível com as concorrências vaidosas e as presunções tão costumeiras no cotidiano da universidade. Não são os construtos teóricos moldados artificialmente, com os quais os autores instruídos de Mind querem brilhar diante de seus colegas, que possuem profundidade filosófica e força irradiadora, mas sim os romances policiais despreziosos. (BUCHHOLZ, 2008, p.118).

A proposta de Wittgenstein é a prática filosófica como terapia onde, “o filósofo trata uma questão como uma doença” (WITTGENSTEIN, 2005, § 255). Podemos afirmar que não se trata da pretensão de corrigir os problemas filosóficos, mas sim, que estes “devem desaparecer completamente” (WITTGENSTEIN, 2005, § 133). Semelhante ao açúcar quando mergulhado na água.

Esta postura filosófica é adquirida quando a perspectiva sobre a significação ocorre com base no uso e não em uma reflexão semântica.

Spaniol identifica três fatores que estão presentes na origem dos problemas filosóficos: analogia, dieta unilateral e falta de visão panorâmica.

No caso da analogia, um exemplo prático é o uso da palavra “medir” na proposição “medir um espaço de tempo”. Aqui esta palavra provoca por analogia, uma possível confusão filosófica, atribuindo ao tempo uma condição geométrica.

Outros equívocos podem surgir na aplicação de uma dieta unilateral, esta ocorre quando o pensamento é alimentado com uma única espécie de exemplos. Gerando um tipo de universalização ou essencialismo.

E por último, a falta de visão panorâmica que ocorre quando, a linguagem tira férias, em outras palavras, quando deixamos de lado a gramática profunda, privilegiando assim, uma gramática superficial.

4 COM WITTGENSTEIN E CONTRA WITTGENSTEIN

Na filosofia encontramos desde seu início a perspectiva onde, a definição estrutural dos fenômenos é dividida em duas ou mais partes contendo um exterior e um interior. A estrutura de raciocínio por traz desta divisão, aqui entendida como dualismo, promove como resultado o existir de uma fronteira ou limite que excede o mundo físico e se constitui em uma estrutura não-física, também denominada de metafísica, donde provém entre outras coisas, a alma que anima o corpo humano, a essência dos objetos e de tudo que no mundo físico existe, ou ainda, a existência de um ser criador do mundo físico e a possibilidade de diversas entidades não-físicas constituídas de inteligência.

Uma interpretação possível sobre o dualismo, consiste em entender ele como uma tentativa de explicar o mundo de forma externa ao próprio mundo, considerando certa totalidade que abarca o físico e o não físico, em outras palavras, explicar o sistema, se posicionando através da criatividade racional especulativa, buscando revelar uma estrutura externa não-física constituinte do objeto ou fenômeno estudado.

Esta interpretação parece sinalizada por Oliveira quando este afirma que:

A concepção tradicional da linguagem esteve sempre ligada a certas concepções antropológicas, de modo especial concepções a respeito do espírito dos atos espirituais. O pensamento tradicional foi, eminentemente, um processo classificatório, tendendo a uma classificação dos entes, a sua distinção a partir dos elementos essenciais. Determinar a essência de algo significou, na metafísica clássica, estabelecer o lugar ocupado por algo no todo, traçar seus limites com outras realidades situadas na ordem universal, isto é, no mundo. Definir o homem significa distingui-lo do não homem. (OLIVEIRA, 2006, p.122).

No caso da percepção dualista sobre os processos mentais, Paul M. Churchland esclarece:

Na abordagem dualista das mentes estão incluídas diversas teorias bastante diferentes, mas todas elas concordam em que a natureza essencial da inteligência consciente está em algo que é não-físico, algo que está definitivamente para além do âmbito de ciências como a física, a neurofisiologia e a ciência da computação. O dualismo não é a concepção mais amplamente defendida em meio à comunidade científica e filosófica hoje em dia, mas é a teoria da mente mais

comum em meio às pessoas em geral; ele está profundamente arraigado na maioria das religiões populares do mundo inteiro e tem sido a teoria da mente que tem predominância durante a maior parte da história do Ocidente. (CHURCHLAND, 1998, p.25).

Para Daniel C. Dennett a percepção dualista ou metafísica ocorre com base em um efeito lingüístico, denominado de Sistemas Intencionais, onde “a intencionalidade é fundamentalmente um aspecto de entidades lingüísticas.” (DENNETT, 1993, p.34)

Dennett tenta esclarecer esta questão sugerindo que se imagine uma pessoa jogando xadrez contra um computador e salienta que uma estratégia para se ganhar da máquina é admitir, mesmo que não seja verdadeiro, o fato da máquina intencionar vencer o jogo.

Dennett segue explicando:

O conceito de sistema intencional é uma noção relativamente ordenada e não-metafísica, quando é abstraída de questões de composição, constituição, consciência, moralidade ou divindade das entidades que ela cobre. Assim, por exemplo, é muito mais fácil decidir se uma máquina pode ser um sistema intencional que decidir se uma máquina realmente pode pensar, ou ser consciente, ou moralmente responsável. Essa simplicidade a torna ideal como uma fonte de ordem e organização nas análises filosóficas dos conceitos “mentalistas”. Tudo que uma pessoa possa ser – uma mente ou alma incorporada – um agente autoconsciente, uma fonte “emergente” de inteligência -, ela é um sistema intencional, e o que quer que se siga de ser simplesmente um sistema intencional é, assim, verdade a seu respeito. É interessante ver o quanto do que sustentamos ser o caso sobre as pessoas ou suas mentes se segue diretamente do fato de serem elas sistemas intencionais. (DANNETT, 1993, p.48).

O conceito de sistema intencional de Dennett possui alguma familiaridade com a gramática superficial de Wittgenstein, ambos apontam para o equívoco da linguagem como consequência do uso ou escolha, de um caminho interpretativo mais fácil e menos comprometido com as regras lingüísticas, no sentido da gramática profunda.

P. M. Hacker também parece concordar que a perspectiva dualista ou metafísica está ancorada em certo caráter antropológico e gramatical, Hacker justifica:

A idéia de que o ser humano seja uma criatura composta por um corpo e uma alma (ou mente, ou espírito) é muito antiga. A idéia está ligada ao nosso medo da morte, ao desejo de uma sobrevivência num mundo mais feliz, ao nosso pesar pela morte dos entes queridos e

nossa esperança de reencontrá-los um dia. Ela está associada a fenômenos comuns da vida humana que estão envoltos em mistérios, tais como os sonhos, quando parecemos habitar um outro mundo, sem conexão com nosso corpo adormecido e no qual poderíamos interagir com os mortos. Está associada também a fenômenos mais obscuros, como as experiências visionárias ou as “viagens” para fora do corpo. Além disso, porém, essa idéia está profundamente arraigada na gramática de nossas linguagens. (HACKER, 2000, p.18).

Para Wittgenstein, seguir uma gramática é aprender o uso de um conjunto de regras. Neste sentido, seguir uma regra é uma “prática baseada em um saber, na espontaneidade do indivíduo que subjazem à aplicação da regra.” (WITTGENSTEIN, 2005, § 198).

Wittgenstein aponta para o fato do critério de verdade, entendendo este como admissão do que é certo ou errado, verdadeiro ou falso, estar ancorado nos jogos de linguagens e sua gramática, onde cada grupo cultural é livre para estabelecer os critérios de racionalidade que determinarão o jogo de linguagem.

Condé esclarece esta perspectiva:

Quando falo de um modelo de racionalidade inspirado em Wittgenstein, não estou apenas interessado em dizer que a linguagem articula-se sistematicamente entre suas partes, mas prioritariamente tentando mostrar que é nessa articulação no interior de uma forma de vida que se estabelece a racionalidade que nos possibilita determinar o que aceitamos, de acordo com os jogos de linguagem e sua gramática, como correto ou não. Assim, nossas “certezas” são dadas pela gramática e pelos fragmentados, circunstanciais e abertos jogos de linguagem. A gramática de uma forma de vida não é fechada e é a partir desse aspecto que ela possui, em medidas diversas, ramificações que se constituem como “semelhanças de família”, podendo interconectar-se com gramáticas de outras formas de vida. (CONDÉ, 2004, p.29).

Estando o critério de verdade ancorado no interior de uma forma de vida através da gramática, Wittgenstein parece concordar que as “verdades” são fabricadas na linguagem conforme a necessidade de cada grupo cultural, onde qualquer crítica aos grupos muito distintos perde o sentido, uma vez que as observações de um determinado grupo sobre outro pode motivar para o debate, mas a aceitação dos argumentos por um ou outro grupo cultural é um exercício livre. Assim sendo, é pouco provável que ocorra um entendimento entre grupos onde os jogos de linguagem sejam muito distintos, com pouca familiaridade. Neste sentido, ou o argumento não será entendido ou

simplesmente não será aceito. Wittgenstein está propondo certo relativismo ou ceticismo?

4.1 O relativismo das Investigações Filosóficas

A constatação de uma linguagem cujo critério de verdade é interno ao grupo social que o fomenta e dependente do jogo de linguagem e sua forma de vida, é entendido por Apel, como um aspecto instrumental e relativista que leva em direção ao abandono da filosofia e ao esquecimento do logos.

Oliveira esclarece um dos momentos onde o modelo dos jogos de linguagem proposto por Wittgenstein pode ser apontado como insuficiente:

A necessidade de auto-reflexão da linguagem se manifesta, porém, por exemplo, quando se levanta a questão de como pode o filósofo compreender diferentes jogos de linguagens e compará-los entre si em relação a sua compreensão do mundo. Semelhante coisa pressupõe a possibilidade de, por meio da auto-reflexão, ir para além de si mesmo e que tal autotranscendência possa chegar até uma reflexão filosófica sobre a linguagem e a crítica da linguagem. Por isso, o modelo da pura descrição dos jogos de linguagem não é suficiente. (OLIVEIRA, 2006, p.259).

Para Apel, Wittgenstein se equivocou nas duas fases. No *Tractatus* defendeu o transcendental, porém, ficou preso numa posição semântica enquanto nas *Investigações Filosóficas*, caminhou em direção à pragmática, mas descartou o transcendental considerando-o pura ilusão.

Para Condé, “Apel também faz uma leitura tradicional do autor das *Investigações*, que conduz, entre outras coisas, a enquadrar Wittgenstein como um filósofo relativista.” (CONDÉ, 2006, p.204).

Condé parece concordar com a possibilidade de uma perspectiva que aponte para certo relativismo não absolutista esclarecendo que:

O principal ponto de divergência entre Apel e Wittgenstein é certamente a questão do universalismo (transcendentalismo) apeliiano que conduz, substanciado por uma leitura tradicional, à interpretação do segundo Wittgenstein como um típico relativista. Certamente que, a partir da filosofia wittgensteiniana, uma perspectiva transcendental

não mais pode ser concebida. Mas isso não implica necessariamente cair no relativismo absoluto. (CONDÉ, 2006, p.209).

Condé sinaliza que o relativismo parcial contido nas Investigações Filosóficas é “o único caminho para lidar com as questões da racionalidade.” (CONDÉ, 2004, p.23).

4.2 O ceticismo em Wittgenstein

Kripke e Rorty, cada um ao seu modo, atribuem um caráter cético ao segundo Wittgenstein, Condé explica que Rorty interpreta Wittgenstein como um filósofo “edificante”, nas palavras do próprio Rorty:

Os grandes filósofos sistemáticos são construtivos e oferecem argumentos. Os filósofos edificantes são reativos e oferecem sátiras, paródias, aforismos. Sabem que seu trabalho perde o propósito quando o período contra o qual estão reagindo já terminou. São intencionalmente periféricos. Os grandes filósofos sistemáticos, como os grandes cientistas, constroem para eternidade. Os grandes filósofos edificantes destroem em benefício de sua própria geração. (RORTY Apud CONDÉ, 2006, p.37).

Dias, responde as observações de Kripke, Rorty, conforme segue:

Não se trata de demolir o que até então suponhamos saber, nem tampouco de calar como se estivéssemos diante da fragmentação do nosso universo. A atitude adequada neste, assim como em outros tempos mais remotos, é a de abrir bem os olhos e verificar, antes de mais nada, se já não estamos adotando um ponto de vista que favoreça a produção de ilusões. A atitude do filósofo, que a tudo é capaz de estender a dúvida hiperbólica, não está muito distante do alienista, que em todos vislumbra a insensatez. Há um momento em que a suspeita mais adequada é a de que somos nós que estamos jogando de forma equivocada. Tudo isso Wittgenstein nos ensina de forma primorosa no decurso de suas amplas investigações filosóficas. Crítico e criativo, sim. Cético ou relativista, não. (DIAS Apud CONDÉ, 2006, p.12).

Plínio Smith, Danilo M. Filho e Oswaldo Porchat concordam que as “semelhanças entre o pirronismo e o segundo Wittgenstein são profundas, enquanto as diferenças se revelam superficiais.” (PINTO, 2008, p.265).

Para Pinto, não existe nenhuma similaridade uma vez que os céticos pirrônicos assumem a suspensão do juízo frente aos assuntos metafísicos, calando-se sobre o assunto, enquanto Wittgenstein atribui ao problema metafísico um equívoco da linguagem. Neste sentido, Pinto argumenta:

Quanto ao segundo Wittgenstein, ele transforma os problemas metafísicos em problemas de descrição da gramática da nossa linguagem e utiliza o método de esclarecer o modo de funcionamento desta gramática multiplicando os exemplos de usos e analogias envolvidas. O resultado costuma ser a constatação de que o problema metafísico original constitui um equívoco lingüístico. Isso não é a mesma coisa que passar intempestivamente para o estado de suspensão geral em virtude da indecibilidade dos problemas filosóficos até então considerados. A atitude pirrônica consiste em abandonar o plano da discussão teórica em benefício da vida prática. Num espírito muito diferente, a terapia wittgensteiniana consiste simplesmente em usar a técnica de dissolver cada problema mediando a análise do uso comum das palavras envolvidas. Wittgenstein se mantém o tempo todo no mesmo plano, a saber, o da avaliação do problema filosófico a partir da linguagem comum. (PINTO, 2008, p.275).

4.3 Wittgenstein e seu estilo filosófico

Para Grayling a prática de uma metodologia não sistemática, como a encontrada nas *Investigações Filosóficas* dificilmente seria estimulada entre professores e estudantes. Grayling também se opõe ao trabalho do segundo Wittgenstein argumentando:

Como vimos, a filosofia na visão de Wittgenstein é uma terapia; o que importa é dissolver erro, não construir sistema explanatório. Nesse sentido, o estilo se ajusta perfeitamente à intenção. Ele é profético, oracular; consiste em breves observações com o propósito de remediar, lembrar, desiludir. Isso dá aos escritos do segundo Wittgenstein uma aparência de colcha de retalhos. Muitas vezes as conexões entre as observações são pouco claras. Há uma superabundância de metáforas e parábolas; há ilusões, questões retóricas, uma hifenização imaginativa; há demasiada repetição. Muito disso é proposital – um ponto bastante enfatizado nas páginas anteriores -, pois o estilo de Wittgenstein tem a intenção expressa de promover seu objetivo contra o erro da teorização. No entanto, poucos recomendariam seriamente esta forma de fazer filosofia, digamos, para estudantes. (GRAYLING, 2002, p.149).

Spaniol concorda com as dificuldades existentes na obra *Investigações Filosóficas*, “o que as investigações nos apresentam são anotações no estilo ordinário e, aparentemente sem maior conexão entre si.” (SPANIOL, 1989, p.14) no entanto, entende o segundo Wittgenstein como uma contribuição importante e, argumenta:

Existe hoje, ao lado da medicina curativa, também a medicina preventiva, que, conforme o caso, pode ser mais importante do que a primeira. De modo análogo, também o método terapêutico de Wittgenstein pode ser usado de maneira preventiva, ou seja, como recurso para impedir o surgimento de problemas filosóficos. Trata-se de adquirir uma consciência reflexa da gramática de nossas palavras. Neste sentido falamos aqui da elaboração de um pensamento crítico. Não que outros filósofos não tivessem desenvolvido trabalhos com a mesma finalidade. Mas parece possível derivar uma contribuição importante do método de Wittgenstein. (SPANIOL, 1989, p.140).

4.4 Wittgenstein e a reviravolta lingüístico-pragmática

Wittgenstein marcou a filosofia com sua obra *Investigações Filosóficas* e, aqueles que estão com Wittgenstein entendem ele como autor de uma nova filosofia capaz de abordar os problemas filosóficos sob uma perspectiva totalmente independente da tradição filosófica. Neste sentido, o principal argumento contra a interpretação cética ou relativista aparentemente presente nas *Investigações Filosóficas* consiste na afirmação da impossibilidade de uma interpretação adequada quando da aplicação de abordagens tradicionais. Os que estão contra Wittgenstein afirmam que a *Investigações Filosóficas* possui uma abordagem vaga, confusa e carece de um posicionamento sistêmico.

Independente de concordarem ou discordarem é consenso entre os interlocutores que Wittgenstein em maior ou menor escala inspirou debates e modificações na perspectiva tradicional sobre a linguagem.

Segundo Oliveira:

A segunda fase da filosofia de Wittgenstein significou um passo fundamental na superação da semântica tradicional, ou seja, do realismo lingüístico. Critério decisivo para a determinação do sentido das expressões é, de agora em diante, o próprio uso das palavras, seu aparecimento nos diferentes jogos de linguagem, que são a expressão de diferentes formas de vida. No entanto, Wittgenstein

deixou muitas questões abertas: seu mérito foi abrir uma nova perspectiva de trabalho. (OLIVEIRA, 2006, p.149).

Grayling, opositor de Wittgenstein entende que o autor das Investigações Filosóficas pode não ser um grande filósofo, mas sim, uma grande personalidade para filosofia, assim afirma Grayling:

Gerações futuras podem ou não considerar Wittgenstein um dos grandes filósofos. No entanto, ainda que não o vejam assim, ele certamente sempre terá importância como uma das grandes personalidades na filosofia. (GRAYLING, 2002, p.152).

5 CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho, ao observar o panorama da trajetória de Wittgenstein, foi possível estabelecer alguns pontos contextualizados sobre as perspectivas e conseqüências dos pensamentos deste filósofo.

O ponto de partida foi expor os fundamentos do *Tractatus* onde Wittgenstein defende de maneira sistemática a possibilidade de uma linguagem perfeita e certo determinismo lingüístico. Ao final de sua primeira obra Wittgenstein afirma ter resolvido os problemas da filosofia e retira-se do cenário filosófico por um tempo.

A tese central do *Tractatus* assumiu a linguagem como instrumento designativo capaz de ser colocado em evidência quando da análise lógica das proposições. Ao saber o que uma palavra designa se aprendia automaticamente todos os possíveis contextos desta. A mediação do mundo no *Tractatus* ocorreu através da lógica. Neste sentido, para o Wittgenstein do *Tractatus*, os problemas filosóficos eram erros interpretativos devido à falta de atenção dos filósofos para com a estrutura lógica das proposições.

Em um segundo momento Wittgenstein retorna ao cenário filosófico assumindo oposição ferrenha ao seu primeiro trabalho, se antes postulava um sistema, agora assimila uma postura anti-sistemática e adota como fundamento o uso da linguagem em um contexto prático social, entendido atualmente como práxis social.

A idéia de uso é familiar ao conceito darwiniano de evolução, neste sentido, em ambos os casos as transformações ocorrem no uso, não importando a verdade última das coisas e sim, a sobrevivência da espécie, da sociedade ou do individuo lingüístico. Sob esta perspectiva, a postura metafísica parece em nada se relacionar com a epistemologia, mas sim, existir como livre exercício do estilo de vida ou jogo de linguagem de uma determinada cultura.

Um dos problemas levantados por Wittgenstein nas investigações filosóficas consiste na percepção onde a eleição de um sistema promove uma perspectiva determinista e dualista, postulando um fora e um dentro. Ao eleger um sistema o indivíduo se pergunta por aquilo que está fora, ou ainda, pela

essência constituinte ou pela condição de possibilidade. Tal pergunta pode levar ao enfeitamento especulativo ou ilusão gramatical.

Wittgenstein parece eliminar este problema ao criar o conceito de gramática, este assume papel orientador nos jogos de linguagens ao influenciar e ser influenciado pelos participantes em tempo real. Desta forma não ocorre a perspectiva determinista ou a priori, e o que ficou de fora deixa de existir, não é considerado, pois nesta perspectiva, não existe um fora. O existir assume caráter prático e não especulativo. O existir ocorre na ação, no uso e não na possibilidade. Também parece não ser possível se perguntar pela condição de possibilidade uma vez que esta ocorre em tempo real na concordância da práxis social se tornando em certo sentido, relativista.

Outro problema parece estar relacionado com a proximidade cética quando da impossibilidade de compreensão nas culturas ou jogos de linguagem diferentes dos habituais, ocasionando a suspensão de juízo no estilo pirrônico.

O aparente tom relativista e cético encontrado em diversos argumentos das *Investigações Filosóficas* promove uma série de críticas aos fundamentos ali contidos. É consenso entre os estudiosos de Wittgenstein que as *Investigações Filosóficas* carecem de sistematização e com isso dificulta a interpretação.

Enquanto montava este trabalho surgiu a pergunta sobre a possibilidade de uma estrutura ética tendo como pano de fundo as *Investigações Filosóficas*. Se isto for possível, talvez diminua o tom aparentemente relativista da obra.

No entanto, aqueles que defendem Wittgenstein apontam para a existência de método e sistema passível de interpretação. Observando a necessidade de demonstrar método e sistema existente na obra *Investigações Filosóficas* no intuito de validar sua inteligibilidade, parece plausível concluir que a postura anti-sistêmica pode ser adotada com a finalidade didática, no estilo pedagógico de problematização ou forma articulada de evitar questões confusas que exigem fé no lugar do senso crítico.

Minha expectativa é que muito sobre Wittgenstein ainda será estudado e que cada vez mais, métodos e sistemas se tornarão claros na interpretação da obra *Investigações Filosóficas*.

REFERÊNCIAS

- BUCHHOLZ, Kia. **Compreender Wittgenstein**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CONDÉ, Mauro Lucio Leitão. **As teias da razão**: Wittgenstein e a crise da racionalidade moderna. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2004.
- CONDÉ, Mauro Lucio Leitão. **Linguagem e mundo**. São Paulo: Annablue, 1998.
- DIAS, Maria Clara. **Kant e Wittgenstein**: os limites da linguagem – Rio de Janeiro: Dumará, 2000.
- FAUSTINO, Silvia. **Wittgenstein o Eu e sua gramática**. São Paulo: Ática, 1995.
- GAYLING, A.C. **Wittgenstein**. São Paulo: Loyola, 2002.
- GRIFFIN, James. **O atomismo lógico de Wittgenstein**. Porto-Portugal: Porto. 1998.
- HACKER, P. M. S. **Wittgenstein**: sobre a natureza humana. São Paulo: Unesp, 2000.
- HENTIKKA, M.; HENTIKKA J. **Uma investigação sobre Wittgenstein**. Campinas: Papyrus, 1994.
- MACHADO, Alexandre Noronha. **Lógica e forma de vida**. São Leopoldo: 2007.
- PEARS, David. Wittgenstein. In: BUNNIN, Nicholas org; TSUI-JAMES, E.P. org. **Compêndio de Filosofia**. São Paulo: Loyola, 2007, p. 877-892.
- SPANIOL, Werner. **Filosofia e método no Segundo Wittgenstein**. São Paulo: Loyola, 1989.
- STEGMULLER, Wolfgang. **A filosofia contemporânea**. São Paulo: Edusp, 1977, v.1.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 2005.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus lógico-Philosophicus**. São Paulo: Edusp, 2001.

ZILLES, Urbano. **O racional e o Místico**. Porto Alegre: Edipucrs, 1994.